

O "MADRE BENÍCIA" NAS MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA: O ÁLBUM DE RECORDAÇÕES DE CLÉRIS BECKER¹

THE "MOTHER BENÍCIA" IN THE MEMORIES OF A TEACHER: THE ALBUM OF CLERIC BECKER RECORDS

*José Edimar de Souza*²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender o processo de constituição de uma instituição de ensino no meio rural de Lomba Grande, uma região do município gaúcho de Novo Hamburgo. Trata-se do atual Instituto Estadual Madre Benícia, conhecido pela comunidade apenas como "Madre Benícia". Sob a ótica da história cultural e valendo-se de documentos e da metodologia da história oral, a pesquisa aborda aspectos das práticas empreendidas no processo de implantação do Grupo Escolar de Lomba Grande (1940) até o momento em que um prédio específico é construído para esta escola (1969). As fontes documentais, além das memórias, se constituem de matérias de jornais, ofícios e dos registros escritos no álbum organizado pela professora Cléris Becker. Ela foi aluna, professora e diretora deste educandário. Como resultado da análise documental, é possível perceber que, ao rememorar sua relação com a escola, a referida professora enfatiza o modo como a organização e mobilização de professores e moradores do lugar se dedicaram ao empreendimento da construção de um prédio próprio para o fim do ensino nesta localidade.

Palavras-chave: Memórias escolares. Cultura escolar. Ensino no meio rural.

ABSTRACT: The objective of this work is to understand the process of establishing an educational institution in the rural area of Lomba Grande, a region of the municipality of Novo Hamburgo. It is the current Madre Benicia State Institute, known by the community, only as "Mother Benicia". From the perspective of cultural history and using documents and oral history methodology, the research addresses aspects of the practice undertaken in the process of implementing the Lomba Grande School Group (1940) until a specific building is constructed for this school (1969). Documentary sources, in addition to the memoirs, consist of newspaper articles, crafts and the records written on the album organized by Professor Cleris Becker. She was a student, teacher and director of this school. As a result of the documentary analysis, it is possible to perceive that, when recalling its relation with the school, this teacher emphasizes the way in which the organization and mobilization of teachers and residents of the place were dedicated to the construction of an own building for the end of the teaching in this locality.

Keywords: School memories. School culture. Teaching in rural areas.

¹ Este estudo se constitui em um desdobramento do Projeto de Pesquisa, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico – CNPq – Brasil. Edital Universal 01/2016, processo número: 405151/2016-0. "Modos de organizar a Escola Primária no RS (1889-1950): Histórias, memórias e práticas educativas".

² Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Doutor em Educação com estágio de Pós-Doutorado na UNISINOS.

Introdução

Ao reunir memórias sobre a escola, o historiador tem a possibilidade de, a partir dos traços deixados pelo passado, construir com as ferramentas que possui aquilo que teria acontecido, processo este que envolve escolhas. Nesse sentido, a escrita historiográfica é resultado de um processo de tensão entre o relato objetivo e a construção narrativa. Como argumenta Certeau (2011), o trabalho escriturário da história fundamenta-se nas relações entre um lugar social, uma prática e uma elaboração textual. “Escrever sobre o passado não se reduz a um relato verossímil para satisfazer a curiosidade dos leitores, nem tampouco contém objetividade para reconstruir integralmente fatos mortos” (MORAES; GAMBETA, 2011, p. 167).

Nossa escrita é seletiva e fragmentária do fenômeno social analisado. Os escritos aqui organizados orientam-se pelas memórias e demais documentos em torno de uma instituição de ensino. A narrativa construída pretende tornar inteligível determinados fenômenos, pois a “[...] a história torna-se história daquilo que os homens chamaram verdades e de suas lutas em torno dessas verdades” (VEYNE, 1998, p. 268). Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compreender o processo de constituição de uma instituição de ensino no meio rural de Lomba Grande, uma região do município gaúcho de Novo Hamburgo. Destaca-se a temporalidade de 1940, ocasião em que é implantado o Grupo Escolar e 1969 por ocasião da inauguração do prédio próprio para esta instituição escolar.

Como já referido anteriormente, Lomba Grande é atualmente um bairro rural do município de Novo Hamburgo. Esta localidade fora colonizada, principalmente, por imigrantes alemães no século XIX. O culto evangélico desses imigrantes contribuiu para instalação da Igreja/escola neste lugar. Este aspecto favoreceu a implantação dos grupos escolares e, posteriormente, do curso ginasial na localidade.

Nosso estudo investiga, sob a ótica teórica da História Cultural e da metodologia da história oral, registros de memórias arquivadas por uma

professora em seu álbum³ de recordações sobre o Madre Benícia. É um álbum com recortes e anotações organizadas e produzidas pela professora Cléris Allgayer Becker que, em sua história de vida, foi aluna, professora e diretora deste educandário⁴.

Esta pesquisa situa-se no campo da História da Educação e tem contribuído para que se entenda a realidade educacional complexa na qual estamos inseridos. Desse modo, a história regional, juntamente com outras formas de explicação de distintos contextos, pode auxiliar na compreensão de determinados problemas postos no presente, como argumentam Galvão e Lopes (2001, p. 16): "um modo de pensar, uma maneira de raciocinar, uma forma de agir". As formas de abordagens da história, como a História da Educação, evidenciada na potencialidade de diversificação de fontes como, por exemplo, orais, de arquivos, ressaltam o caráter interdisciplinar de elaboração do conhecimento histórico.

As pesquisas em História da Educação contribuem, entre outros aspectos, para se pensar os processos, mudanças e continuidades de ações da educação no tempo. (SOUZA; GRAZZIOTIN, 2015). Estudar a maneira como os grupos sociais adquiriram, assimilaram, utilizaram e difundiram o conhecimento escolar, em um espaço e tempo específicos, é um dos propósitos deste estudo.

1. Álbum de memórias: modos de ler e compor a história de uma instituição

O texto fundamenta-se na História Cultural, campo da história que tem "[...] por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler" (CHARTIER, 2002, p. 16-17). A partir disso, buscou-se ampliar os sentidos atribuídos à instituição já referida, bem como os significados em torno do seu processo de consolidação nessa localidade e as práticas no interior desta escola.

³ Este álbum chegou até nosso grupo de pesquisa a partir de uma dinâmica de sala de aula na disciplina de História da Educação em que se propõe aos alunos encontrarem documentos, vestígios do passado para realizarem um ensaio analítico no curso da disciplina.

⁴ É importante destacar que nossa pretensão aqui não é desenvolver um estudo de cunho biográfico, muito menos de arquivamentos do eu. O propósito deste estudo é valer-se do registro da memória como ressalta Thomson (1997), como um importante documento para compor e produzir a história de um grupo social.

Nesse sentido, abordam-se aspectos das práticas e das culturas escolares como produtos da vida cotidiana, resultado da ação dos grupos sociais que delimitam uma forma de organização.

É pela cultura que diferentes enunciados e condutas enalteceram o que se forjaram nas trajetórias profissionais e escolares em torno de uma instituição. Certeau (2012, p. 10), acrescenta que “[...] toda cultura requer uma atividade, um modo de apropriação [...] um intercâmbio instaurado em um grupo social”. Nesse sentido, o modo pelo qual os sujeitos, em especial a professora Cléris Allgayer Becker significou as memórias, caracterizou-se singularidades das culturas escolares, produzidas neste lugar.

Para Escolano Benito (2015, p. 48), “los restos arqueológicos de la escuela son, em primer lugar, materialidades com memoria”. Dessa forma, a pesquisa tem, nos vestígios deixados por uma professora, o principal objeto de análise. Trata-se de um álbum de recordações que reúne escritos, recortes, fotografias, “objetos-hellas”, no dizer de Escolano Benito, que nos auxiliam na construção da história sobre uma instituição escolar.

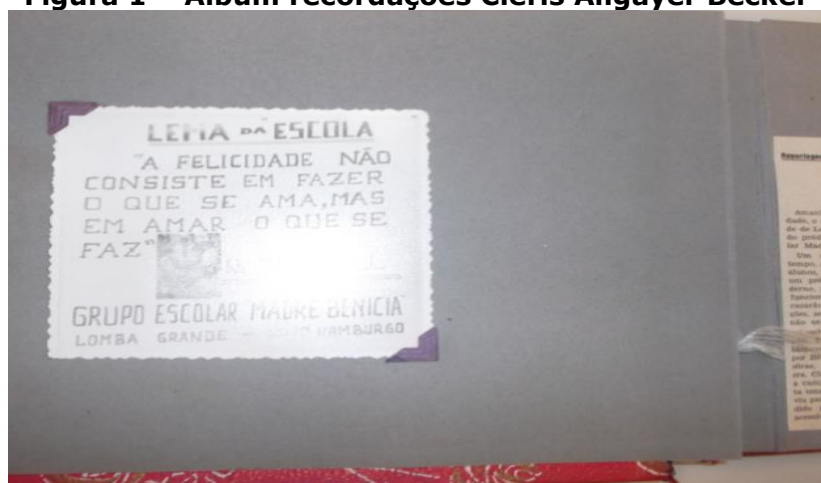
A pesquisa não pretende escrever uma história de vida, muito menos de toda trajetória institucional, porém se propõe a compor aspectos da história escolar, evidenciadas nos registros guardados pela professora Cléris Allgayer Becker, bem como cotejar com outras fontes já compulsadas em outros estudos.

Grazziotin e Almeida (2012) argumentam que ter em mãos um diário íntimo ou um caderno escolar de pessoas, que foram escritos há muito tempo, é algo que mobiliza o investigador a querer pesquisá-los pelas singularidades próprias de seu texto manuscrito. Cunha (2012) acrescenta que os álbuns, assim como os diários, situam-se em um campo de estudo que ainda não foram totalmente explorados pelos historiadores. Essa forma de inscrição autoral, também chamada de “escrita ordinária”, de gente comum, permite rastrear, de muitas maneiras, as formas de pensar e agir em determinadas épocas, sobretudo o modo como foi organizado, o que foi escrito, com qual intencionalidade diz muito sobre quem guarda.

O álbum constitui-se de sessenta e seis páginas. As informações não apresentam uma ordem cronológica e, por vezes, apresenta recortes de jornais locais que veicularam notícias sobre acontecimentos importantes do “Madre

Benícia". As fotografias são de diferentes formatos, tamanhos e qualidade. Alguns recortes de jornais também estão dobrados e foram acomodados de modo que fizesse sentido para aquele acontecimento, situado e organizado naquela página. As folhas do álbum são cartonadas e de cor cinza, unidas por cordas delicadas nas cores: branca e dourada. Encontra-se encapada com um papel de dobradura em tons de vermelho, branco e dourado. Alguns recortes, fotografias, por vezes, possuem detalhes nas extremidades superior e inferior com margens de cor preta, como se observa na figura 1, abaixo:

Figura 1 – Álbum recordações Cléris Allgayer Becker



Fonte: Becker (2016).

Para os procedimentos metodológicos foram utilizados ainda outros documentos escritos e orais. Estes últimos obtidos através de memórias produzidas através de entrevistas feitas sob a perspectiva da História Oral que, conforme Amado e Ferreira (2002, p. 11), estabelece e ordena os procedimentos de trabalho do historiador, "funcionando como ponte entre teoria e prática". Contudo, é importante ressaltar que a memória se constrói de lembrança e também de esquecimentos. É nesse sentido que há, na lembrança, rememorações e vazios.

Segundo Amado (1995), as narrativas retratam um cenário que, ao trazer o passado até o presente, o recria à luz do presente, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro. Entendemos que a Memória é uma narrativa imaginada. Nesse sentido, as narrativas de memórias não guardam uma "verdade", mas uma representação. Estas representações elucidam a importância, os sentidos, o

modo como guardaram e/ou organizam narrativamente os fatos no tempo, no tempo lembrado.

A empiria aqui analisada vale-se de entrevistas realizadas em outros estudos, no período de 2010 a 2015, com professores e alunos cuja trajetória e prática associam-se às memórias de escolarização na localidade. Além disso, fora realiza uma entrevista em 2016 com a professora Cléris Allgayer Becker sobre sua relação com o álbum de recordação. Quanto às entrevistas, em média compreendem o tempo de uma hora de gravação e aconteceram no domicílio dos entrevistados.

A relevância histórica da utilização de fontes construídas pela memória está condicionada ao esforço teórico e metodológico produzido pelo pesquisador, nas escolhas que faz, pelas questões que elabora para poder fazer-dizer sobre um tempo e uma experiência histórica. Em síntese, fazer-falar os documentos.

2. O contexto investigado: a escolarização em Lomba Grande/RS

Investigar o processo de institucionalização do ensino primário elementar estadual em Lomba Grande implica no desdobramento das ações empreendidas pela organização comunitária dessa região, para que o contato com conhecimento formal escolarizado acontecesse. Escolano Benito (2015, p. 56) acrescenta que:

La escuela há sido uma de las instituciones culturales de mayor impacto em el mundo moderno. Querida u odiada, pero siempre recordada, ella fue um escenario clave de nuestra sociabilidad infantil, um lugar esencial em el desenvolvimiento de nuestra propia identidade narrativa y um ámbito de creación de cultura que nos há cohesionado com todas las demás gentes del común.

Ao caracterizar as instituições escolares, neste espaço do município de Novo Hamburgo, é preciso reconhecer elementos que contribuem para a compreensão do processo de escolarização desde o século XIX. Essa região fora colonizada, principalmente, pelos imigrantes alemães que começaram a se instalar na localidade a partir de 1826. Com eles, surgiu também uma estrutura inicial de escolas paroquiais e comunitárias. O ensino primário passou a desenvolver-se a

partir da Escola da Comunidade Evangélica e, em seguida, com as aulas públicas mistas federais, estaduais e municipais e, posteriormente, com o grupo escolar.

A temática dos grupos escolares, especialmente no meio rural⁵, é um campo de estudo que ainda carece de investigações. Pode-se dizer que os grupos escolares estavam ligados aos centros urbanos e a um processo de modernização, ao ponto de serem consideradas "escolas modelares" (SOUZA, 2004). Apesar disso, existiram, embora em menor número, grupos escolares em zonas rurais, como é o caso de Lomba Grande.

Para Souza (1998), os grupos escolares, a partir de 1893, representaram uma tentativa de inserir o Brasil na modernidade pedagógica e no início do século XX figurava na paisagem urbana como imponente espaço para aquisição de saberes sofisticado ao progresso científico. No entanto, a forma de organização destas instituições escolares apresenta aspectos singulares, a partir do modo como as políticas e a próprio articular da comunidade é estruturado no processo de implantação destes educandários.

Para compreender os aspectos históricos de existência de uma instituição educativa, nas palavras de Magalhães (2004), é necessário analisar o quadro evolutivo e de integração da comunidade não apenas no que se refere ao seu aspecto educativo, mas, sobretudo, a partir do contexto em que está inserida uma comunidade ou região e seu itinerário de vida.

A história da escola neste lugar está relacionada à história da imigração e colonização do Estado do Rio Grande do Sul. Como já argumentado em outros estudos, antes da chegada dos imigrantes alemães, algumas iniciativas particulares simbolizam a pretensão de organização da instrução pública. Além da educação aplicada nas reduções jesuíticas, e/ou do ensino pelas preceptoras nas estâncias de saladeiros, na região do Vale dos Sinos havia radicado algumas famílias de origem portuguesa e açoriana, no Rincão do Ilhéus, nas imediações da Estância Velha e Lomba Grande cuja experiência escolar se associa ao ensino doméstico.

⁵ A temática do meio rural é abordada neste estudo como um elemento de contexto. Nesse sentido, distancia-se das pesquisas que discutem o campo ou a educação do/no campo. Para Trindade, Pereira e Silva (2016), o conceito de Educação do Campo é pensado a partir das experiências dos movimentos sociais. Além disso, o termo "do campo" anuncia um entendimento de que não basta construir escolas no campo, mas que o povo do campo tem direito a uma educação vinculada à sua história, à sua cultura e ao lugar onde vive.

A história da escola pública em Lomba Grande está imbricada à história da comunidade Evangélica Luterana. A forma de organização escolar, utilizada nesta região até 1859, atende ao que Luchese e Kreutz (2012) chamam de escola de improviso, escolas-capela ou escolas paroquiais. A capela escola foi uma das primeiras experiências comunitárias de escola para esse grupo social. Nas primeiras escolas-capela, que geralmente eram casas muito rudimentares, cantava-se, rezava-se e se lia palavras da Bíblia (DREHER, 1993).

Em Lomba Grande o ensino era ministrado em uma capela de pau a pique. Essa construção rudimentar servia como escola e igreja e também era chamada "Lehmkirche", ou seja, igreja de barro.

A escola isolada parece ter sido a forma de organização escolar predominante nesta região e que avançou o século XX. Esta escola era de primeiras letras e multisseriada, diferenciando-se daquela proposta pelo protestantismo de missão que pretendia atingir as elites brasileiras. As Aulas, neste distrito rural, situavam-se na sede, região central e, posteriormente, foram instaladas nas demais localidades do interior.

No imaginário social de Lomba Grande as figuras dos professores Meyer e Höher ocupam posição de destaque, pois foram professores que desempenharam, além da docência, funções políticas perante aquela comunidade.

O professor Henrique Meyer fora docente da escola da comunidade evangélica e da escola pública na região central deste bairro rural. Atribui-se a ele as campanhas em prol da construção da Casa Paroquial, com uma arquitetura bastante arrojada para época. Em 1864 a construção estava pronta, como se observa na figura 2 abaixo:

Figura 2 – Casa Pastoral e Escola Comunitária de Lomba Grande



Fonte: Novo Hamburgo (1928, p.1).

Em 1890 foram acrescentados mais dois quartos ao prédio que, a partir de 1915, passou a abrigar a Casa Pastoral. As Aulas, organizações institucionais que foram pioneiras das escolas primárias da atualidade, nas palavras de Gil e Caldeira (2011), caracterizaram o cenário educacional entre os séculos XIX e início do XX, instaladas em espaços urbanos, rurais e distritais.

O professor José Afonso Höher, docente em diferentes escolas isoladas de Lomba Grande, está associado ao período inicial de organização do Madre Benícia. Docente no primeiro quartel do século XX, sua trajetória docente compreende a passagem pela Escola da Comunidade Evangélica, Aulas Públicas Federais, Aulas Estaduais e Municipais Subvencionadas. Em 1939 foi convidado pela Delegada do Ensino de São Leopoldo, Nair Becker, para reunir as aulas isoladas que existiam na região, surgindo as Aulas Reunidas Nº 5 que, posteriormente, originou o Grupo Escolar, atual Instituto Estadual Madre Benícia.

Em síntese, a forma de escola possível até 1940, no meio rural de Lomba Grande, era aquela que atendia a instrução primária, em muitas localidades do nosso país, ou seja, um ensino desenvolvido nas escolas isoladas, multisseriadas, que geralmente não passavam do "terceiro livro". Nesse sentido, entendemos que as práticas que envolvem a institucionalização do grupo escolar nesta localidade se encontram imbricadas ao formato de organização das escolas isoladas. Nosso argumento é de que, para se chegar ao "tão sonhado" prédio do Madre Benícia, a presença de diferentes tipos de experiências escolares contribuiu para se produzir uma cultura escolar singular em Lomba Grande.

3. A escola nas memórias de uma professora

A implantação dos grupos escolares produziu, com o passar do tempo, o desaparecimento da rede de escolas paroquiais, pois eles permitiram ensinar doutrina católica nas escolas públicas, viabilizada pela aproximação entre o Estado republicano e a Igreja católica (DALLABRIDA, 2005). Tudo indica que o esforço do Estado, em instalar os grupos escolares no espaço rural, era relacionado ao movimento de nacionalização. A nacionalização, colocada em marcha pelo Estado Novo, expandiu e tonificou a rede escolar pública e inviabilizou o projeto das escolas paroquiais, mesmo que em muitos casos os prédios ocupados pelo estado fossem os cedidos pela Igreja, católica ou evangélica.

Em Lomba Grande, o grupo escolar funcionava no salão da Igreja Católica São José, subvencionado pelo Estado e posteriormente pelo município. E sua origem está associada ao surgimento das Aulas Reunidas Número 5, em 1939, como se observa na figura 1 abaixo:

Fotografia 1 – Grupo Escolar de Lomba Grande (1942)



Fonte: Acervo pessoal de Tomaz Thiesen (2014).

A fotografia 1 é do Grupo Escolar de Lomba Grande – "Madre Benícia". Ao fundo, se identifica o salão paroquial da Igreja Católica São José. Da direita para esquerda, identifica-se o professor José Afonso Höher (1), primeiro, e à frente, ao seu lado, a professora auxiliar, Maria Gersy Höher Thiesen (2), sua filha; o último, do lado esquerdo, é o delegado do distrito, senhor Oscar Becker (3), e na mesma fileira, próximo aos alunos, o professor Alfredo Kunrath (4). A fotografia é provavelmente de 1942.

O salão paroquial era internamente dividido com lonas e cada parte do salão agrupava classes do ensino primário. Para as escolas localizadas em espaços urbanos, o agrupamento das escolas primárias, em um único prédio escolar, beneficiou a administração pública que entendeu esta prática como um benefício financeiro aos seus cofres: o fato de não ter que arcar com os aluguéis das diversas Aulas.

Em 1940, as Aulas Reunidas⁶ originaram o Grupo Escolar de Lomba Grande que, em 1942, passou a se chamar Madre Benícia, em função de sua patrona. A ação conjunta do Estado e do município, em Novo Hamburgo, resultou em ações que se converteram no aprimoramento de algumas instituições escolares, como se observa nesse relato do jornal O 5 de Abril (A INSTRUÇÃO..., 1940, p. 2):

[...] verificou o snr. Prefeito Odon Cavalcanti, ser de urgente necessidade de alojar mais confortável e higienicamente as aulas da sede distrital, que funcionavam em prédios inadequados. [...]. Por esse contrato ficou à disposição da Prefeitura de Novo Hamburgo um grande prédio de material, abandonado há mais de dez anos. A prefeitura por sua vês faria uma remodelação integral nesse mesmo prédio, destinando-o às Aulas Reunidas, da sede do distrito. Essa total remodelação foi feita sob a orientação da Delegacia da Secretaria da Educação com sede em São Leopoldo. [...] Dona Nair Becker, Orientadora, desempenhando atualmente a Delegacia Regional [...]. O prédio que é murado em torno, fica sobre uma linda coxilha no centro da sede e ao lado da igreja católica. As cercanias estavam repletas do povo lomba-grandense. Após festiva recepção das autoridades, deu-se início à solenidade da inauguração com o hino nacional, cantado por 200 crianças que, uniformizados, estavam formadas em frente do prédio. Seguiu-se o discurso de recepção, proferido pela interessante menina Iraci Bohrer, que se saiu de sua missão com muito brilho, sendo entusiasticamente aplaudida. Seguiram-se os seguintes números do programa: Hino á Bandeira; poesia "As Aulas

⁶ As escolas reunidas, previstas em legislação específica, poderiam ser criadas nos lugares em que, em virtude da densidade da população, houvesse mais de duas escolas isoladas (TEIVE; DALLABRIDA, 2011).

Reunidas" dita pela aluna Clotilde Enck. Hino á Independencia. Poesia "A Pátria" pelo aluno A. Machado.

Na história da escolarização brasileira, o grupo escolar representou a grande transformação do ensino primário pelo fato de introduzir inovações substanciais na cultura escolar. Sob o ponto de vista pedagógico, ele se diferenciava da escola isolada por criar a seriação do ensino primário de quatro anos, sendo que cada série tinha um professor, fato que implicava a definição e a ordenação determinada dos saberes escolares nos programas de ensino, bem como o ensino simultâneo. Para abrigar essa massa estudantil, o modelo do grupo escolar demandou a construção de edifícios escolares próprios e imponentes – edificados segundo os preceitos médico-higientistas – geralmente localizados nos centros urbanos e marcados por traços neoclássicos (BENCOSTTA, 2005).

A implantação dos prédios específicos para os grupos escolares, no meio rural, não seguiu o mesmo ritmo de implantação do espaço urbano. Em Lomba Grande, entre 1940 e 1969, o espaço utilizado para as aulas permaneceu funcionando no salão paroquial, alugado pela administração pública municipal. Nesse sentido, para elucidar aspectos do processo de construção do prédio do Madre Benícia, trazemos narrativas de professoras e alunas desta escola, a saber: Maria Gersy Höher Thiesen, Arlete Timm e Cléris Allgayer Becker que foram alunas e também professoras desta instituição⁷.

A professora Gersy rememora que, no final da década de 1930, ao ser chamada pela Delegada de Ensino para unir as Aulas e fundar as Aulas Reunidas Nº 5, seu pai foi também o Regente destas Aulas.

O pai já era professor na localidade e em outras localidades e tinha classe em muitas Aulas. Então, ele foi falar com a Nair Becker na Delegacia de Ensino do Estado para unir as Aulas Públicas e aí ele formou a escola que se chamou: Escolas Reunidas Nº 5. [...] O pai reuniu as [...] escolas e ele ficou como Diretor. [...]. (THIESEN, 2010).

⁷ Mais detalhes sobre os sujeitos entrevistados cujas narrativas orais foram aqui organizadas de outra maneira podem ser conferidos em: Souza, (2012, 2015). Arlete foi aluna de Gersy. Arlete e Cléris trabalharam no mesmo período e ocuparam cargos de gestão no Madre Benícia. Destaca-se que os sujeitos deste estudo são identificados por uma escolha metodológica e eles assim optaram, firmado Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

A grande novidade, neste período, era a figura do "Regente", ou seja, do diretor que era responsável pelas funções administrativas com vistas a ordenar o cotidiano dos professores, bem como socializar o que de mais atual e inovador se discutia sobre educação.

Mesmo com a crescente e acentuada presença de mulheres professoras, isto não impediu que este cargo, por sucessivas décadas, fosse ocupado quase que unicamente por homens, o que demonstra que "[...] o universo masculino ainda tinha receios de perder para as mulheres o espaço de poder da autoridade máxima e representante primaz do Estado na Escola" (BENCOSTTA, 2005, p. 71).

Os professores do grupo escolar eram: Maria Gersy Höher Thiesen e José Afonso Höher, primeiro e segundo ano; no terceiro ano, Anália Flores. E depois foi substituída pela professora Alfrídia Enck. No quarto ano a professora Julieta Höher Gerhardt e no quinto ano, o professor Pedro Alfredo Kunrath.

Gersy, ainda, recorda que o pai, como regente, necessitava entrar com frequência no terceiro ano. A professora desta classe "*não tinha domínio*" de turma. E enquanto Gersy atendia os alunos do primeiro e segundo ano, o pai auxiliava a professora Anália Flores no terceiro ano.

Quanto à reunião das aulas, Gersy recordou que a escola pública funcionava em um prédio alugado. Atualmente uma residência particular que pertence ao senhor João Pereira. E anteriormente fora proprietária a senhora Julieta Bohrer. "*O pai reuniu as quatro escolas [...]. O pai foi Diretor e tinha 74 alunos e ele tinha que fazer rodízio na escola.*" (GERSY, 2010).

No Grupo Escolar de Lomba Grande, Gersy aprendeu as primeiras letras e, nesse lugar também, se percebeu professora pela primeira vez. Ela recorda que havia muita disciplina e respeito ao professor. Era necessário levantar a mão e aguardar sua vez para falar; conta que havia muitos alunos, uns auxiliavam os outros e todos demonstravam muito interesse pela aprendizagem.

O historiador Telmo Müller (1984), que nasceu e estudou em Lomba Grande, foi aluno na década de 1930 nas classes regidas pelo professor José Afonso Höher. Quando ainda era Aulas Reunidas, recorda que a aula iniciava às 8 horas da manhã com uma oração; os alunos sentavam em bancos compridos, de seis em seis. O traje das meninas consistia em um vestido simples de chita,

chapéu e, em boa percentagem, tamancos ou chinelos. Quanto à vestimenta dos meninos, usava-se boné de pano, em geral feito em casa, camisa de riscado, abotoada até o pescoço, se fosse sem colarinho, uma calça de brim escuro, nem curta nem comprida, “meia-canela”, suspensórios de pano. Estes aspectos podem ser observados nas memórias de Gersy e Cléris que enfatizam, em seus depoimentos, a simplicidade da estrutura escolar.

O professor Höher tinha uma tática: quando os alunos necessitavam sair na rua, eles deveriam retirar uma fichinha. Apenas quando o aluno retornasse é que outro poderia sair. As aulas eram organizadas a partir dos diversos “livros”, como a cartilha João de Deus, que era o primeiro, e a *Selecta*, que era o último. No entanto, algumas atividades eram realizadas coletivamente. Na hora das contas eram contas para todos e cada um desempenhava atividades no seu nível. O ditado também era ditado para todos, porém cada um no seu adiantamento. As aulas de História, Geografia e Civismo também eram dadas para todos a um só tempo. Os alunos geralmente entravam na escola com 8 anos e permaneciam até os 13 ou 14 anos, quando o rito da “confirmação” representava, na colônia, a maioria. (MÜLLER, 1978).

O projeto de um prédio específico para o grupo era antigo, pois as condições físicas do espaço utilizado pelo Madre Benícia não eram muito favoráveis, como recorda Cléris:

Era aqui no prédio do salão paroquial aqui da Igreja Católica. Tudo muito rudimentar. As paredes eram quase meias paredes, quando uma falava muito alto a outra tinha que baixar o tom. Não tinha banheiros. Eram umas latrinas, onde não tinha nem janela. E não tinha papel, se a gente não levava, não tinha. Imagina água de cisterna. E depois quando eu me tornei professora, eu comecei a luta para nós termos o prédio próprio. (BECKER, 2016).

Mas, mesmo com dificuldades, as professoras conseguiam inspirar às alunas o desejo da docência. Arlete recorda que a escola sempre esteve entre suas brincadeiras de infância e, como morava muito próximo da Igreja São José, ela “[...] gostava muito de ajudar as professoras, ia na casa das professoras [...] e carregava os livros; aquilo era uma coisa que era da gente!”. Ela foi aluna da professora Gersy no Jardim de Infância, no final da década de 1940.

Sobre o seu tempo de aluna, cursou o primário no tempo em que a escola chamava-se Grupo Escolar Madre Benícia⁸, como se observa na fotografia 2 e posteriormente trabalhou como professora nesta mesma escola.

Fotografia 2 – Grupo Escolar Madre Benícia em frente à Igreja São José (1953)



Fonte: Acervo pessoal da professora Arlete Timm (2010).

A professora Arlete concluiu o ensino primário e, diferente da maioria dos alunos das comunidades rurais, continuou estudando. Ela realizou o exame de admissão ao Ginásio e, estando aprovada, cursou em São Leopoldo, no Colégio São José. Quando concluiu esta etapa, resolveu seguir o magistério e realizou o curso Normal. Na década de 1960, retornou ao "Madre Benícia", porém como professora⁹.

Cléris rememora que o projeto de construção do prédio próprio para o Grupo Escolar Madre Benícia situa-se no contexto de expansão do ensino primário do Rio Grande do Sul. Como Diretora e professora desta instituição, ela havia escutado das outras escolas que uma das possibilidades era envolver a comunidade, sensibilizando-a para que tivesse uma contrapartida da escola e/ou do município, para que o Estado construísse o prédio. Porém, ela recorda que, inicialmente, enfrentou alguns questionamentos dos pais dos alunos:

⁸ Cléris enfatiza que o nome Madre Benícia foi escolhido por uma das professoras do Grupo Escolar de Lomba Grande. *"Precisava ter um nome, e aí não tinha nome. E essa professora Consuelo Temes é quem deu o nome. [...] E aí veio a ordem, já tinha muitos grupos escolares. [...] E ela escolheu Madre Benícia, pois ela tinha sido aluna dela lá no Bom Conselho"*.

⁹ Arlete foi responsável pela implantação do Ginásio escolar em Lomba Grande. Um estudo sobre esta modalidade de ensino pode ser conferido em Souza e Fischer (2013).

Ai tinha, era governador o Ildo Meneghetti e tinha uma verba, do governo do estado, para construir o prédio próprio. Estava começando o ensino estadual a se expandir. Mas, o município ou a comunidade tinham que entrar com o terreno. Então, foi uma das primeiras bandeiras. [...] que eu comecei a sentir desamparada e eu fundei o Círculo de Pais e Mestres [pausa], por sugestão, eu tinha já ouvido de outras escolas, então... comecei a motivar os pais neste sentido. E no começo, nosso, os objetivos... argumentos ... 'nós é que temos que arrumar terreno, mas nós pagamos impostos'. Aí fomos então procurar o prefeito de Novo Hamburgo, mas não houve muita motivação neste sentido. Então, começamos a fazer Quermesses, até um baile com cuca e linguiça, era servido cuca e linguiça, no salão Allgayer, e eu já era casa (BECKER, 2016).

As inúmeras ações, promovidas pelas professoras, especialmente por Cléris Becker, demonstram entrega incondicional ao ofício docente, bem como o sentido agregativo ao bem comum da vida em comunidade. Nesse sentido, as professoras envolveram-se de tal maneira que fica evidente o compromisso de possibilitar melhores condições físicas e qualificar a construção do conhecimento dos alunos da população do meio rural.

No álbum de memórias, organizado pela professora Cléris Becker, em que ela procura reunir vestígios da ocasião da inauguração do prédio do Grupo Escolar registra, com uma letra desenhada, em formato cursivo, a fundação do Círculo de Pais e Mestres, inicialmente presidido pelos senhores Inácio Britz e Bruno Moehlecke. E a nomenclatura docente, diretora: Cléris Allgayer Becker, demais professoras: Maria Helena Moehlecke, Laci Becker Allgayer, Arlete Timm "Lindenmeyer¹⁰", Fabirici Maria Beck, Renéo Prass, Marlene Carmen Prass, com data de 04 de maio de 1969.

Há muitos recortes de jornais alusivos à inauguração do prédio, em diferentes jornais. Mesmo que não exista a identificação em todos os recortes, percebe-se que se trata dos jornais: Zero Hora, Correio de São Leopoldo, Correio do Povo e Jornal NH. Dentre as muitas reportagens sobre a inauguração do prédio, escolhemos a que segue abaixo cuja manchete anunciava a concretização de um projeto muito esperado: "O sonho de Lomba Grande", uma notícia publicada pelo Jornal NH¹¹:

¹⁰ Refere-se ao sobrenome do esposo da professora Arlete Timm.

¹¹ A circulação do Jornal NH iniciou-se em 19/03/1960. Atualmente é um dos muitos jornais do Grupo Editorial Sinos.

Amanhã, dia 4, torna-se realidade, o maior sonho da comunidade de Lomba Grande: inauguração do prédio próprio do Grupo Escolar Madre Benícia. Um sonho, porque, há muito tempo, as professoras e os pais dos alunos, sentiram a necessidade de um prédio próprio, maior e moderno, para a escola. Afinal, onde funciona desde 1941, num velho casarão, sem as mínimas condições, sem sanitário e sem cozinha, não era mais possível prosseguir. Lomba Grande crescia. A escola, não. Então, o Círculo de Pais e Mestres da Escola, então presidido por Bruno Moehlecke e as professoras, tendo à frente, a diretora sra. Cléris Algayer Becker, esboçou a campanha comunitária. Foi feita uma quermesse, cuja renda serviu para a compra do terreno, vendido pelo sr. Aureo Strack, por acessível preço. Comprada a área a Prefeitura de N. Hamburgo foi solicitada a cooperar e Nívio Friedrich, então prefeito, disse que daria apoio. O Estado, através do governo Ildo Meneghetti, deu 25 milhões velhos em apólices. O tempo passou, os contatos prosseguiram, os pais de alunos até bailes promoveram para obter recursos e, o Estado, no atual govêrno, deu apoio através da SOP. O prefeito Mossmann, continuou a obra. E amanhã, em festas, Lomba Grande, assistirá a inauguração do prédio nôvo, que tem 6 salas de aula, secretaria, biblioteca, sanitários e cozinha provisória, num total de 600m². É o sonho de uma comunidade, do Círculo de Pais e Mestres dirigido pelo sr. Inácio Britz, da diretora Cléris Becker, enfim, de todos os que, solicitados, deram apoio e trabalho para Lomba Grande poder abrigar, no G. E. Madre Benícia, seus 180 alunos. (BECKER, 2015, p. 3).

Quanto à compra do terreno para a construção da escola, também foi algo um pouco polêmico, pois os pais, que colaboraram nas diferentes promoções, determinaram como condição que a escola fosse "*em um lugar central, bem localizado*", como se observa na fotografia 3:

Fotografia 3 – Aspecto parcial após inauguração do "Madre Benícia" (1969)



Fonte: Becker (2015).

No álbum ainda existem fotografias que ultrapassam a ocasião da inauguração do prédio e registram aspectos da trajetória profissional de Cléris. Destacam-se muitas fotografias alusivas ao mobiliário, à sala de aula, bem organizada e paramentada de materiais, mapas, cortinas, livros. Cléris rememora quem quando o prédio ficou pronto, não havia uma sala para a diretora e os próprios pais improvisaram uma sala para ela.

Para Bencostta (2005), além de prédios próprios, os Grupos Escolares sugeriam uma nova forma de organização escolar com mobília que substituíam os torturantes bancos sem encostos; o material escolar, vinculado ao método intuitivo ou lições de coisas que previa o uso de mapas, gabinetes, laboratórios, globos, figuras e quadros de Parker, dentre outros, a fim de facilitar o desenvolvimento das faculdades de apreensão sensorial dos alunos.

O prédio onde funciona a escola, desde 1969, encontra-se próximo de onde surgiu, lá na década de 1940, com as Aulas Reunidas. A condição de estabelecer o Grupo Escolar Madre Benícia neste lugar endossa as representações que tal instituição desempenhava na comunidade, figurando ao lado das Igrejas Católica e Evangélica, da Subprefeitura e dos principais estabelecimentos comerciais e públicos do bairro.

Grosso modo, é possível arguir que a mobilização para instalação de um Grupo Escolar em uma localidade rural representa, no imaginário desta comunidade, a projeção do sentido e relevância que o conhecimento formal possibilitava para região. Como argumenta Chervel (1990), a cultura escolar cumpre um papel fundamental para a sociedade quando os resultados da ação educativa se agregam aos resultados efetivos inerentes a essa ação. O "Madre Benícia" configura-se no imaginário social como um lugar de cultura necessário para os moradores da região, pois é através dele que, para um grupo significativo de sujeitos, os principais ritos sociais se estabelecem.

Considerações finais

Por meio desta documentação, procuramos rastrear aspectos de um processo de escolarização desenvolvido no interior de uma instituição escolar no meio rural de Lomba Grande, descobrindo aspectos que nos auxiliam a compreender os valores, as normas, ritos, as tradições e concepções pedagógicas, desenvolvidas neste lugar pelas lentes de uma professora.

O valor atribuído à educação, desde o princípio, evidencia que a comunidade reconhecia a importância e atribuía reconhecimento a alguém do grupo social para que este dedicasse uma parte do seu tempo para ensinar aos seus filhos. Esse preceito favoreceu o aparecimento também da figura do docente leigo e que posteriormente galgou cargos públicos, quando as aulas particulares foram absorvidas pelo governo estadual e municipal, bem como nos primeiros tempos do grupo escolar, como é o caso da professora Gersy.

A inauguração do Grupo Escolar de Lomba Grande, em 1940, foi um acontecimento que projetou aspirações na comunidade pela escola seriada. O empreendimento da reunião das aulas e de propor o trabalho de um professor para cada série não reduziu o número de alunos que cada professor já atendia em sua classe multisseriada; pelo contrário, as transformações das práticas foram readaptadas no tempo da apropriação de cada docente, como é o caso das memórias de Arlete e Cléris.

As práticas de escolarização, desenvolvidas neste lugar, agregaram elementos dos diferentes tipos de escola: a ênfase do ensino das primeiras letras, dos "bons costumes", a recitação e o modo catequético das escolas jesuíticas; a preocupação não apenas com aprendizagem da leitura, mas também da escrita e da aritmética, das escolas elementares e das escolas particulares étnicas e confessionais e o modelo republicano e laico das escolas públicas dos grupos escolares.

Documentos/Entrevistas orais

A INSTRUÇÃO em Lomba Grande. Inauguração do prédio reformado – caixa escolar – assistência sanitária e dentaria – outras notas. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, Ano 14, n. 18, 2 ago. 1940.

BECKER, Cléris Allgayer. [81 anos]. [nov. 2016]. Entrevistador: [José Edimar de Souza], 2016.

BECKER, Cléris Allgayer. *Álbum de recordações*. Novo Hamburgo, 2015.

NOVO HAMBURGO. Jahresbericht der Deuthch = Evangelitchen Gemeinde Lomba Grande für 1928, p.1-4. Acervo particular da paróquia Evangélica de Lomba Grande [localizado em 2011].

THIESEN, Maria Gersy Höher. [87 anos]. [abr.2010]. Entrevistador: [José Edimar de Souza], Novo Hamburgo, 23 abr. 2010.

THIESEN, Tomaz Osvaldo. [73 anos]. [fev.2014]. Entrevistador: [José Edimar de Souza], Novo Hamburgo, 18 fev. 2014.

TIMM, Arlete. [68 anos]. [maio 2010]. Entrevistador: [José Edimar de Souza], Novo Hamburgo, 13 maio 2010.

Referências

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino A. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránsky. 7. ed. Campinas: Papirus, 2012.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.

CHERVEL, Andre. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 2, p.177-229, 1990.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 251-280.

DALLABRIDA, Norberto. Das escolas paroquiais às PUCs: república, recatolicização e escolarização. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *História e memórias da educação no Brasil: século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 2, p. 76-86.

DREHER, Martin Norberto. Protestantismo de imigração no Brasil: sua implantação no contexto liberal-modernizador e as conseqüências desse projeto. In: DREHER, Martin N. *Imigrações e história da igreja no Brasil*. Aparecida: Ed. Santuário, 1993. p. 109-131.

ESCOLANO BENITO, Augustin. Arqueología y rituales de la escuela. In: MOGARRO, Maria João (Org.). *Educação e património cultural: escolas, objetos e práticas*. Lisboa: Colibri, 2015. p. 45-60.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira; *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GIL, Natália de Lacerda; CALDEIRA, Sandra. Escola isolada e grupo escolar: a variação das categorias estatísticas no discurso oficial do governo brasileiro e de Minas Gerais. *Estatística e Sociedade*, Porto Alegre, n. 1, p. 166-181, nov. 2011.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre história oral*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Das escolas de improviso às escolas planejadas: um olhar sobre os espaços escolares da região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 12, n. 2 [29], p. 45- 75, maio/ago. 2012.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

MORAES, José Geraldo Vinci de; GAMBETA, Wilson. Michel de Certeau: pensador das diferenças. In: REGO, Teresa Cristina et al. (Org.). *Memória, história e escolarização*. Petrópolis: Vozes, 2011. p.157-182. (Pedagogia Contemporânea, v. 3).

MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã, 160 anos de história*. Caxias do Sul: Ed. da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã: histórias e memórias*. Caxias do Sul: UCS, 1978.

SOUZA, Rosa Fátima. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, Dermeval et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

SOUZA, José Edimar de. *As escolas isoladas: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande/RS (1940-1952)*. 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

SOUZA, José Edimar de. *Memórias de professores: histórias de ensino em Novo Hamburgo/RS (1940-2009)*. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

SOUZA, José Edimar de; FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. O Ginásio Comunitário na área rural de Novo Hamburgo/RS (1970): notas de trajetória docente de uma professora. In: EGGERT, Edla; RAMOS, Inajara Vargas; SOUZA, José Edimar de. (Org.). *Memórias, trajetórias e formação docente: experiências investigativas e seus desdobramentos*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. p. 87-104.

SOUZA, José Edimar de; GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. História da Educação: instituições e processos de escolarização: um modo de apresentação. *História Unicap*, Recife, v. 2, n. 4, p.151-153, jul./dez. 2015.

TEIVE, Gladys Mary Chizoni; DALLABRIDA, Norberto. *A escola da república: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

TRINDADE, Domingos Rodrigues; PEREIRA, Eugênia da Silva; SILVA, Priscila Teixeira da. Trajetória histórica da educação do campo no Brasil: lutas coletivas, conquistas e desafios. In: ALVES, Luis Alberto et al. Investigar, intervir e preservar: caminhos da história da educação Luso-Brasileira. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - COLUBHE, 11., 2016, Porto-Portugal. *Anais...* Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2016. p. 4-16.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História: Foucault revoluciona a história*. Brasília: UNB, 1998.

*Recebido em 12 de setembro de 2017
Aprovado em 10 de janeiro de 2018*